

SECA É SECA, FALTA DE ÁGUA É POLÍTICA.

Por José Moacir dos Santos (julho de 2008)

“Piauí tem perda agrícola de 80% por causa da seca”. Essa é a manchete do jornal Bom dia Piauí da rede globo no estado no dia 16 de julho. A reportagem mostra as lagoas, açudes e barragens secas e as lavouras de milho e feijão esturricadas. Mostra ainda uma família com água na cisterna e os carros pipa circulando. Conversando com pessoas do estado fiquei sabendo também que os plantios de mamona estão perdidos. A imprensa e os políticos entrevistados apresentam a situação como uma catástrofe inesperada, uma emergência. Caso o ocorrido fosse na região sul/sudeste do país seria aceitável, mas dizer que frustração de safra no Semi-árido é fato inesperado e emergencial é ignorância ou demagogia.

Desde 1970, o Centro Aeroespacial de São José dos Campos concluiu que as secas no Semi-árido são cíclicas e previsíveis, que voltam a cada 26 anos e duram 6 anos. Segundo os pesquisadores, a região passará por mais um ciclo seco entre os anos de 2005 e 2011. A Embrapa Semi-árido também concluiu que mesmo nos anos normais as chuvas são irregulares no espaço e no tempo, oferecendo uma condição desfavorável para o cultivo comercial de plantas de ciclos curto e médio e que a cada dez anos temos apenas dois anos com chuvas regulares capazes de garantir uma safra comercial.

Por quê o governo, sabedor que a região está num ciclo de secas e que a agricultura não é ecologicamente viável para a região, pode ficar surpreso com a calamidade que se instala?

A imprensa a cada ano repete a mesma cena: no primeiro semestre mostra as famílias plantando milho e feijão com muita esperança na terra, agora molhada pelas chuvas. No segundo semestre, mostra as famílias com as lavouras queimadas pelo sol, os açudes e barragens rasas totalmente secas e uma senhora, mãe de família, mostrando uma panela com alguns grãos de feijão como a única alimentação do dia. Ano após ano, essas cenas se repetem.

Caso a imprensa usasse uma pequena parte de seu senso investigativo, veria que aquela família está em situação de miséria não por conta da seca, mas por causa da falta de políticas apropriadas para o Semi-árido.

Sendo a região imprópria, na sua maior parte, para o cultivo de plantas sensíveis à irregularidade das chuvas, uma possibilidade de produção sustentável é a pecuária. Quantos coronéis e políticos do sertão se tornaram poderosos plantando milho e feijão? Todos construíram seus impérios concentrando a terra, a água e criando animais. A condição de riqueza dos coronéis e políticos nos mostra a saída para acabar com a fome e a sede no Semi-árido: terra, água e pecuária, principalmente de pequeno e médio porte.

Outra possibilidade segura de renda no Semi-árido seria o extrativismo, principalmente de frutas nativas. Mesmos nos anos de seca, as plantas da caatinga conseguem armazenar água suficiente pra garantir a frutificação. São plantas como o umbu, maracujá, murici e tantas outras que produzem em abundância nas terras ainda não desmatadas e que, se aproveitadas e transformadas em doces e sucos, geram renda muitas vezes superiores à conseguida com a agricultura, quando essa produz alguma coisa.

O problema é que distribuir terra e água no semi-árido significa acabar com a indústria da seca, e conseqüentemente acabar com o poderio das oligarquias locais e tradicionais. Mesmo os movimentos sociais de luta pela terra, lutam por terra para o cultivo de culturas de

ciclo curto, reivindicando áreas individuais de 20 ou 30 hectares. Os dados do Zoneamento Agro ecológico do Nordeste, elaborado pela Embrapa, apontam que 4% da área é viável para a agricultura irrigada com áreas de 4 a 10 hectares por família, 16% para a agricultura de sequeiro com áreas de 30 a 60 hectares por família, 44% da área para pecuária de pequeno e médio porte com áreas de 100 a 300 hectares por família e que 36 % das terras do Semi-árido são áreas de reserva legal onde ainda se pode praticar o extrativismo de frutas. Fazendo as contas apenas 20% da área tem vocação para agricultura, por isso o fracasso de 80% dos que investiram no milho, feijão e arroz. Essas famílias estão fazendo agricultura em terras que ecologicamente deveriam ser dedicadas à pecuária e ao extrativismo.

Segundo a ONU, uma região tem déficit hídrico quando não consegue oferecer, no mínimo, 1300 metros cúbicos de água por habitante/ano. Segundo a Embrapa, a chuva média do Semi-Árido é de 500 mm, destes, 86% evaporam, 4% infiltra no solo e 9% escorre. Estes 9% é a parte que pode ser armazenada, o que daria um volume de 2250 metros cúbicos de água por habitante ano, quase o dobro do mínimo necessário para o desenvolvimento da região.

Na seca de 1979 - 1985 morreu 1 milhão de pessoas de fome e sede no Sem-árido. A igreja católica escreveu um livro intitulado “O genocídio do Nordeste”, por ter sido uma situação detectada cinco anos antes pelos cientistas do Centro Aeroespacial de São José dos Campos e o governo não ter tomado nenhuma providência. Não fosse a aposentadoria dos idosos e o cartão alimentação do governo federal, as famílias do Semi-árido estariam hoje enfrentando as mesmas dificuldades que enfrentaram na seca anterior: teríamos saques nas estradas e supermercados das cidades da região. No entanto, podemos falar de um outro genocídio, o genocídio cultural e econômico, quando o governo, sabendo da inviabilidade da agricultura na região, fomenta e alimenta a “tradição” de cultivar milho e feijão, condenando a região ao fracasso econômico e a população à cultura da mendicância e da esmola.

Não sinta piedade do povo do sertão, não precisa encher caminhão de comida e roupas usadas para os coitadinhos flagelados vítimas do clima implacável. Podemos contribuir cobrando dos governantes uma política de desenvolvimento apropriada ao clima da região. A imprensa pode ajudar bastante mostrando o contraste da situação de quem usa tecnologias apropriadas ao semi-árido, e de quem usa a *técnica* da indústria da seca.

O semi-árido é uma região bonita e rica em recursos naturais, inclusive água. As pessoas têm muita esperança e força de vontade, o que falta é um maior conhecimento desse potencial. Precisamos conhecer o Semi-árido e aprender a conviver com ele, aproveitando seu potencial, superando as dificuldades e respeitando seus limites.

José Moacir dos Santos é Técnico agrícola, graduando em Antropologia e membro do IRPAA moacir@irpaa.org

www.irpaa.org

(74) 3611-5385